

**DESCOLONIALISMO CULTURAL:  
CONEXÕES INTERATIVAS COM A REALIDADE COTIDIANA**

Ariny Denadai Bianchi / Universidade Federal do Espírito Santo  
Adriana Magro / Universidade Federal do Espírito Santo

**RESUMO**

Esta pesquisa propõe apresentar alguns trabalhos artísticos que foram realizados na cidade de Aimorés, no entorno da estação de trem da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), localizada em Minas Gerais. O ponto inicial desta pesquisa parte do conceito de descolonização, abordado por Walter Mignolo, e inspirada por ideias de autores que abordam temáticas em torno de estudos culturais e estudos de Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward. As intervenções artísticas foram propostas a partir das relações estabelecidas na realidade cotidiana dos envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE**

descolonialismo; proposição artística; cultura; cotidiano.

**ABSTRACT**

This research proposes to present some artwork that were conducted in the city of Aimorés, surrounding the train station of Estrada de Ferro Vitoria a Minas (EFVM) located in Minas Gerais. The starting point of this research of the concept of decolonization, approached by Walter Mignolo, and inspired by ideas of authors who address issues around cultural studies and studies of Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall and Kathryn Woodward. The artistic interventions have been proposed from established relationships in everyday reality of involved.

**KEYWORDS**

descolonialismo; Artistic proposition; culture; everyday.

O que me proponho apresentar neste trabalho são proposições artísticas que dialoguem com a população da cidade de Aimorés – MG, o espaço urbano e o cotidiano. Não por acaso este local foi escolhido, o primeiro contato com a cidade ocorreu há menos de um ano quando para um estudo diagnóstico superficial, através da viagem pela Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) pude observar as cidades que circundam a linha férrea. Ao passar por todas as estações entre Belo Horizonte e a última estação em Cariacica pude amparar-me de anotações que descrevi o espaço físico destes lugares, avancei em pesquisas a respeito da história das cidades que tinham pontos de parada e o município de Aimorés foi onde se deu o início para esta pesquisa, que culminou em uma proposição artística com intencionalidades educativas.

A cidade mineira fica na divisa do estado do Espírito Santo, em documentos encontrados no Arquivo Público de Minas Gerais foi possível constatar que antes do município passar a ser território de Minas Gerais, em 1915, confirmada pela lei estadual nº 673, de 5 de setembro de 1916, a região era pertencente ao estado capixaba. Esta é uma informação importante que contribui ao contexto de identidade e colonialismo que parte do recorte que será feito em Aimorés por meio da sugerida problemática da estrada de ferro no interior de Minas Gerais.

Em seguida do encontro com Aimorés pela curta parada feita na viagem ferroviária, fui conhecer mais de perto o cotidiano da cidade em mais uma viagem pelos trilhos. Ainda mais atenta e aberta ao que os moradores poderiam me falar sobre a rotina dos moradores e o que acontece culturalmente na cidade, resolvi ir a diferentes lugares para entender através de perspectivas distintas do dia a dia. O senhor do comércio alimentício localizado dentro da estação, o balconista da padaria, o dono do hotel, as professoras da escola público, os alunos, a bibliotecária foram por meio deles que pude diagnosticar e dar partido para as interferências que poderão ser construídas e dialogadas na cidade.

Foi de interesse que a interlocução dos trabalhos acontecesse diretamente com os moradores, a fim de criarmos reflexões entorno do problema da arte contemporânea e sua potencialidade cotidiana.

## Descolonialismo

No artigo *Aiesthesis Decolonial*<sup>1</sup>, de Walter D. Mignolo o autor introduz ao texto a explicar quem é este locutor que escreve e as observações feitas dos reflexos ainda ativos do colonialismo:

[...] Mis observaciones, por lo tanto, son las de un ciudadano que - como tantas otras y tantos otros - visita museos y se interesa en el arte. Es también el relato de un turista em los museos, cuya mirada está basada en la creencia de que la modernidad es un relato de salvación que necesita de la colonialidad, es decir, de la explotación, la represión, la deshumanización y el control de la población para poder llevar adelante los procesos de salvación. Vimos esta doble cara en el siglo XVI, y la seguimos viendo en siglo XXI.

Com o posicionamento acerca da existência do colonialismo no século XXI, Mignolo vincula o tema através de trabalhos produzidos por diversos artistas contemporâneos, para propor o que é chamado de descolonialismo, “son las formas en las que la estética, sobre todo en el arte, pero no sólo en el arte, contribuye a los procesos decoloniales” (MIGNOLO, 2010) e parte para os sentidos, a *aesthesis* presente diferentemente no século XVII, *sensación de lo bello* (2010) e posteriormente no século XXI, ao trazer os artistas instigados pelo distanciamento da repressão colonial herdada dos anos quinhentos.

Tomando as reflexões de Mignolo, nota-se que há, contemporaneamente, um processo de desconstrução da identidade cultural, desse modo, em busca do acesso a uma emancipação crítica da população, que formada por colonizadores, e neste caso, além da colonização portuguesa percebemos a colonização do século XX, por conta do surgimento das cidades em torno da construção ferroviária das estradas de ferro, percebemos esse processo de descolonialismo e, ainda tocadas pelas reflexões do autor supra citado, surgiu o desejo de conceber proposições artísticas de caráter cotidiano neste local.

Foram utilizadas diversas linguagens como a performance, as instalações, a vídeo-arte e a fotografia para compor o arquivo final desta pesquisa. Os esboços dos projetos são apresentados neste ensaio através das inspirações em conceitos

<sup>1</sup> MIGNOLO, Walter. *Aiesthesis decolonial*. CALLE14, Bogotá | Colômbia, volume: 4, número 4, 2010.

teóricos em torno de perspectivas da identidade cultural, a emancipação crítica e/ou autonomia crítica, o espaço da cidade, o pensamento coletivo e projetos artísticos com base na linguagem escultórica. Autores com Jacques Rancière (O Espectador Emancipado e O Mestre Ignorante), Tomaz Tadeu da Silva junto a Stuart Hall e Kathryn Woodward (Identidade e Diferença), Rosalind Krauss (A escultura no campo ampliado), Walter D Mignolo (Aesthesis Decolonial), artistas como Richard Serra e Robert Morris compõe os dispositivos que guiam as axiomas que serão mostradas neste texto.

Daí, nasce a pesquisa “Aimorés-que-diga”.

### **Proposições artísticas**

No planejamento que tínhamos, foi escolhido o grupo de crianças e adolescentes em fase escolar, não haveria condições de prazo para aguardar o encontro com eles sentada na praça da cidade, então resolvi visitar uma escola para conversar com professores de disciplinas de arte, história e geografia e falar da ideia, assim, constituiria um grupo focal para minha pesquisa de modo mais rápido e eficaz, entretanto, o convite ficou aberto, alguns se aproximaram pelo prazer, outros pela curiosidade e tantos outros pela falta de opção de ações diferenciadas na cidade. Houve um contato antes, com a Escola Municipal Teixeira Soares e marquei um encontro com as professoras de arte e história, para que juntas pudéssemos convidar os alunos e quem sabe até unir as atividades propostas na urbanidade e as da sala de aula. As professoras abraçaram a ideia e ficou combinado o envio de maiores informações sobre o que pretendia e o agendamento de uma nova visita.

No planejamento que tinha, foi escolhido o grupo de crianças e adolescentes em fase escolar, não haveria condições de prazo para aguardar o encontro com eles sentada na praça da cidade, então resolvi visitar uma escola para conversar com professores de disciplinas de arte, história e geografia e falar da ideia, assim, constituiria um grupo focal para minha pesquisa de modo mais rápido e eficaz, entretanto, o convite ficou aberto, alguns se aproximaram pelo prazer, outros pela curiosidade e tantos outros pela falta de opção de ações diferenciadas na cidade. Houve um contato anterior, com a Escola Municipal Teixeira Soares e marquei um

encontro com as professoras de arte e história, para que juntas pudessemos convidar os alunos e quem sabe até unir as atividades propostas na urbanidade e as da sala de aula. As professoras abraçaram a ideia e ficou combinado o envio de maiores informações sobre o que pretendia e o agendamento de uma nova visita.

Alguns meses após o primeiro encontro, retornei a Aimorés para realizar a apresentação da proposta aos alunos da escola e dar início as ações pela cidade.

Fizemos um recorte para apresentar à duas turmas de 6º e duas de 7º ano, com cerca de 30 alunos cada uma delas. A ideia não era fechar nesses grupos, que compreenderiam crianças e adolescentes de 10 a 13 anos, mas precisávamos de um grupo participativo e presente para que o projeto tivesse efeito multiplicador.

Relato abaixo como foi o primeiro contato com os alunos. Me apresentei e disse a eles que faria algumas perguntas e que elas talvez o ajudariam a compreender o que faríamos no decorrer dos meses. *Quem de vocês sabe contar histórias?*, perguntei. Neste momento eram poucos os que levantavam a mão, os que não levantavam apontavam para os tais alunos que eram a referência em contar histórias ou piadas. A relação de contar história para eles se resultava nos que tinham talento para tal, consigo perceber nessa primeira situação a reflexão de Walter Benjamin a respeito do "egoísmo no indivíduo, uma ausência, no geral, de inveja de cada presente com relação a seu futuro", eles ainda não entendiam que poderiam ser presentes mesmo com histórias do passado, ser presentes por conta da contemporaneidade que os são e também a serem partícipes nesta condição.

Através do futuro era que suas histórias presentes dariam importância na linha histórica da sociedade? É mesmo difícil compreender que somos o passado por sermos presente, nesse sentido, Walter indaga, não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? Se nós a fazemos presente, com tantas outras significações ou as tornamos resignificantes ao nosso tempo, já somos partícipes do agora e nos colocamos no futuro. Assim continuei o diálogo com eles e fiz a reflexão: Mas e na hora do recreio, por exemplo, ninguém conversa? Não estão vocês cheios de histórias para contar? Ou então quando se esquecem de entregar o

trabalho que a professora pediu, não vem uma história longa para contar o porquê de não o ter trazido? Isso também não é contar história?

Percebemos que o presente não se torna história, mas poderá se tornar se o apresentarem como exemplo do que ocorreu. Talvez pensemos no que Benjamin fala de uma imagem irrecuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sinta visado por ela, esta imagem ou acontecimento que se distancia do presente e pode não estar no futuro.

Em seguida continuei, de novo, quem sabe contar histórias? Neste momento quase todas as turmas levantavam as mãos e já começavam a entender que contar história era natural de todos eles, era o presente marcado na história com uma narração significativa, no caso das conversas no recreio, por exemplo.

Nosso desejo era de proporcionar um deslocamento do olhar e das atitudes desse sujeito morador de Aimorés em especial tratando de valor estético, de arte contemporânea, ora, o conceito de história em Benjamin dialoga com o entendimento de arte contemporânea, que, preconiza a apropriação das experiências vividas, das conceitos alicerçados na história da Arte, e, com a intencionalidade de criarmos a relação com a arte contemporânea, continuei a perguntá-los: e quem aqui tem diário?

O Diário Gráfico é uma prática artística contemporânea, muitos artistas exploram essa linguagem. Apenas para situar o leitor, trazemos aqui alguns elementos da prática artística de Marilá Dardot:



780 x 520 cm



780 x 520 cm

Ainda que a imagem acima da artista referida, se constitua como um objeto, o conceito de Diário Gráfico estabelece o diálogo entre a prática cotidiana do registro e sua finalização como objeto da Arte.

Assim, a última pergunta era se eles sabiam como se chamava um diário online, da internet. Poucas sabiam que era blog. Fiz uma breve apresentação da ideia de blog e ancorei enfim o projeto *Aimorés que Diga* na rede www para acesso de todos, isto posto, pois, todos tinham acesso à rede.

*Aimorés que Diga* não tinha vínculo com a escola e por isso não iria ser necessário manter atividades avaliativas ou controle de presença para participar do projeto,





Foi criado o sítio online < > e toda a produção audiovisual e escrita do projeto foi hospedada por [www.aimoresquediga.tumblr.com](http://www.aimoresquediga.tumblr.com) lá, também com a ideia de expandir e dialogar com outros grupos e realidades distintas a que eles conviviam em Aimorés.

A exemplo dessa forma de propor o diálogo com o público, alguns artistas contemporâneos procuram a rede para disparar seus primeiros processos de pesquisa e até mesmo a obra pensada diretamente para a mídia digital, como foi o caso do artista Fredone Fone, carioca mas residente no Espírito Santo há anos, em seu último trabalho Fredone expôs em galeria o projeto Impressão do Encontro e no sítio online <[impressaodoencontro.tumblr.com](http://impressaodoencontro.tumblr.com)>, o trabalho foi resultado da primeira residência artística modalidade gravura da Casa Porto das Artes Plásticas, localizada no Centro de Vitória.

O artista reuniu diversas linguagens em um único projeto, o intuito era transformar a gravura em memória, o ato de gravar no encontro entre sensorialidade e relação com a comunidade ao redor da Casa Porto. Mas nesse caso o trabalho não se resume ao papel impresso, Fredone hospedou o seu diário de bordo ou porquê não o sketchbook, em um blog e a cada expedição que saía para procurar objetos na rua, que serviriam de matriz para suas gravuras, ele gravava vídeos, áudios, fotografava e escrevia suas impressões sobre os locais que passou através e as incluía em um mapa que mostrava os exatos locais que ele retirou aqueles arquivos.

A gravura foi uma ponte para a relação que Fredone constrói com a cidade e a sua arte, em Aimorés-Que-Diga utilizamos também a mídia digital para propor reflexões coletivas da urbe em que estamos em trabalho. Outros trabalhos compõe o pensamento de relação e temporalidade na arte contemporânea, temporário por se tratar de projetos efêmeros, que surgem para mostrar uma ação de relação que é mais ampla que propriamente a obra em si, já nasce corrompida pelo tempo transitivo, ela precisa ser vivenciada e parte de se comunicar com a rede enquanto acontece, após isso vira documento, registro em/do ato.



Fonte: <http://impressaodoencontro.tumblr.com/>  
Em 29 mai. 2015

Como o artista acima citado, nós buscamos nossa arqueologia, entretanto, no caminhar e observar.

No dia 1, título dado a quinta-feira (dia 16 de abril de 2015), tivemos a primeira ação da tarde, escolhemos três palavras que foram escritas em papéis separados, estas palavras deveriam apresentar cada um de nós, o objetivo era desfigurar a clássica fala de nome e estabelecer um vínculo dado por meio de um adjetivo, sabemos que esses adjetivos são construídos por uma história, uma ação de frequência e de permanência, daí nosso desejo de saber, reconhecer o modo de apresentação de cada um, o modo como desejam ser vistos é também o modo como foram, em algum momento, apropriados pelos discursos dos outros.

Alguns estavam avexados com a situação de se identificar por meio de palavras, não queriam falar o porquê da escolha delas. Por fim, palavras como "Legal", "Inteligente" e "Bonita/Bonito" eram utilizadas por muitos, alguns declaravam certo repúdio pelas escolhas pessoais de outrem, mas era reafirmada a ideia de que cada um escolhia o que melhor te representava, sem a interferência de terceiros naquele momento.

Finalizamos depois com o relato de cada grupo sobre a escolha dos locais e juntamos os 3 grupos com os 3 mapas. Decidimos de volta ao grande grupo, quais os locais dos 3 mapas que iríamos visitar.

As escolhas foram: Museu Histórico (sexta-feira), Instituto Terra (terça-feira) e a Beira Rio (segunda-feira), que nesta época o rio estava seco por conta da comporta da usina estar fechada.

Ressalto que os encontros foram sequenciais, o que estabeleceu ritmo para nós e para eles, o vínculo se estreitou e permitiu que a malha tecida nas relações pessoais, fosse mantida pela rede *www* com a mesma ênfase que presencialmente.

Outra visita que nos instigou foi ao Instituto Terra, fomos todos de bicicleta e os que não a tinha, pegaram carona na garupa, tínhamos pouco tempo até ele fechar. Ao chegar, sentamos numa ponte próxima a lagoa e por lá fizemos reflexões a respeito do papel do Instituto Terra para a ecologia da cidade e da ecossistema em geral, o papel de cada um para cuidar do meio ambiente e também falamos sobre Sebastião Salgado, que junto a sua esposa Lélia, deram início ao trabalho de replantação da mata que antes era o sítio dos pais do Sebastião.

Sentimos que a conversa não caminhava para a participação deles, estavam desatentos e uma nova participante tinha começado no projeto naquele dia, o que tumultuou um pouco a concentração de todos. O que nos faz refletir que o grupo não estava em sintonia com o espaço visitado, não havia ali relação dos sujeitos com o espaço.

A falta de interesse demonstrada pelo grupo, a ação que percorreu mais a ordem da obrigação e a dispersão natural da busca por outros interesses nos fez refletir sobre o porquê daquilo.

A visita a um Instituto criado por um fotógrafo contemporâneo, um ambiente agradável e nada disso estabeleceu conexão com o grupo. Isso nos faz pensar na importância das interatividades cotidianas, o Instituto, fica relativamente longe da cidade, o que corrobora para um distanciamento geográfico, entretanto, não foi a

geografia que afastou os participantes do Instituto terra, e sim sua falta de sintonia com ele, não havia lá, nenhum rastro de contágio da vida cotidiana que eles viviam.

Já o encontro ao Rio Doce, nos surpreendeu pela vivacidade estabelecida ali naquele rio “quase morto” pela seca, assoreamento e pela barragem que o canaliza.

O rio era deles e eles do rio, a intimidade, a presença silenciosa e constante do rio sempre ali, desde que nasceram, desde sempre os faziam íntimos.

Vimos a estética dos sentidos aflorar na visita, ouvir o rio, senti-lo e o cuidado com ele, foi o que presenciamos. A vida em torno do rio, sim, um rio cheio de história, do passado que se faz presente, mas um rio vivo na história deles, cheio de histórias de hoje também que são contadas recontadas e transmutadas.

### **Considerações finais**

Considero este trabalho como axiomas artísticos que se assemelham a ideia de arquivo colocada por Michel Foucault (1968) ao reunir várias intervenções e performances em um mesmo conceito, questionar a cidade compartilhada e as influências colonizantes não suplantadas no século XXI. É a cidade que fala e precisa da “escutatória” para criar a emancipação crítica e desenvolver autonomamente os interesses coletivos comuns.

O contexto da intervenção não foi de imposição, mas de debate entorno da vida contemporânea e das possibilidades artísticas também contemporâneas. Todos estes trabalhos só puderam ser defendidos e desenvolvidos porque houve este participante que fala, e neste caso, o que desenvolve o descolonialismo em Aimorés. O deslocamento do olhar desse sujeito espectador foi feito pela estética da arte que habita o cotidiano, criando discussões por meio de trabalhos artísticos que instigaram a identidade cultural da cidade, e de seus ocupantes.

A construção destes dispositivos artísticos proporcionou a criação de vetores do diálogo entre educação e arte.

## Referências

- CANCLINI, N.G. *A Sociedade sem relato*. São Paulo: Edusp, 2012.
- DERRIDA, J. *Mal de Arquivo – uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume, 2001.
- ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. *Estrada de Ferro Vitória a Minas: 1907 - 2014*. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/aimores.htm>>. Acesso em: 10 setembro 2014.
- FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos vol. II. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- KRAUSS, Rosalind. *Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil*, da PUC-Rio, 1984 (87-93). Número 1.
- KWON, Mion. *Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity*. CAVALCANTI, Ana, TAVORA, Maria Luisa (org.). *Revista Arte&Ensaio* no 17. Rio de Janeiro: PPGAV/EBA/UFRJ, 2008.
- MIGNOLO, Walter. *Aiethesis decolonial*. CALLE14, Bogotá | Colômbia, volume: 4, número 4, 2010.
- QUINTÃO, Leandro do Carmo, 1983. *A interiorização da capital pela Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo*. Vitória: Dissertação de Mestrado, UFES, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. P. 51 – 81.
- ROSA, Lea Brígida Rocha de Alvarenga. *Companhia Estrada de Ferro Vitória a Minas 1890-1940*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, USP, 1976.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

## Adriana Magro

Professora do Centro de Educação da UFES, mestre e doutora em Educação, especialista em História da Arte: moderna e contemporânea. Fez estudos aprofundados na L'Università di Roma. É associada à ANPAP desde 2009.

## Ariny Denadai Bianchi

Graduanda em arte visuais, foi estagiária da Casa Porto das Artes Plásticas do ES, professora da educação básica e, atualmente, se dedica à produtora cultural Opiniões.